

Análise de recepção de linguagem não verbal dos âncoras do Jornal Hoje entre acadêmicos de Comunicação Organizacional da UTFPR

RESUMO

Com a popularização da televisão nas últimas décadas e com o avanço da internet, observa-se que o meio televisivo vem alterando sua linguagem não só para alcançar um novo público como também para manter o já estabelecido. Devido a sua característica informal, além outros aspectos tecnológicos observados em seu histórico, o Jornal Hoje é o tema deste artigo. O objetivo é verificar como acadêmicos do curso de Tecnologia em Comunicação Organizacional analisam essas questões. Para a realização da pesquisa foi utilizada metodologia específica, além de embasamento em teorias de recepção e estudos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Linguagem corporal. Recepção.

Suziê Mari Marçal Oliveira
suziem@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Marcelo Fernando de Lima
marcelolima@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

A linguagem não verbal vem sendo utilizada cada vez mais nos grandes veículos de comunicação, pois se entende que emissores e receptores fazem parte do mesmo processo e ambos interferem no processo comunicacional. Uma das redes a adotar uma postura menos formal quanto ao uso do não verbal é a Globo, em partes porque as inovações tecnológicas passaram a garantir uma linguagem mais próxima do público e proporcionam interações que não aconteciam anteriormente.

Tendo em vista este fato, o objetivo do presente artigo é mostrar, por meio de análise de recepção, como um grupo de acadêmicos do Curso de Tecnologia em Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) avaliou a utilização da comunicação não verbal pelos âncoras do Jornal Hoje (JH). A escolha do objeto se deu devido a características ligadas à linguagem não verbal dos âncoras Sandra Annenberg e Evaristo Costa, e a mudanças tecnológicas incorporada nos últimos anos pelo programa.

Para este estudo, realizamos dinâmicas com a edição do dia 25 de maio de 2015 do telejornal. Em seguida, os estudantes foram divididos em dois grupos (um com alunos que assistem regularmente o telejornal e outro que não o vê com regularidade). A partir dos depoimentos colhidos, observamos diferenças e semelhanças de opinião entre os dois grupos em relação ao uso da linguagem não verbal no telejornal.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira, fazemos um breve histórico do JH, com alguns detalhes sobre a evolução do telejornal e o tratamento da notícia dado pelos âncoras; na segunda, explicamos a metodologia utilizada, e na terceira fazemos a análise dos depoimentos dos estudantes.

ENTRE A NOTÍCIA E O ENTRETENIMENTO

Em sua estreia em 26 de abril de 1971, o JH era um noticiário local, com duração de 30 minutos, exibido exclusivamente no Rio de Janeiro. Desde aquele período, seu alvo eram as mulheres. Em 3 de junho de 1974, o JH passou a ser transmitido em todo o país e também ganhou uma edição aos sábados.

De acordo com o Memória Globo (2013), a partir de 1979, o JH passou a investir no público jovem e feminino. A linha editorial era marcada pela informalidade, mas com inovações na estrutura e na criação de novas seções, como Defesa do Consumidor. Nesse período, três câmeras trabalhavam em plano aberto, mostrando simultaneamente as três apresentadoras.

Nos anos 1980, o foco foi dado às hard news, informações transmitidas de forma objetiva e informativa. Em 1985, com Vera Íris Paternostro como editora-chefe, o direcionamento dos dois primeiros blocos era mais voltado ao conteúdo noticioso, enquanto que o último dedicava-se às áreas de cultura, entretenimento e comportamento. O “cenário”, por sua vez, garantia maior proximidade física entre os âncoras (agora todos ocupavam o mesmo espaço – o que não ocorria na década passada), reforçando a atmosfera de informalidade, além de facilitar a movimentação das câmeras.

Em abril de 1994 houve mudanças no cenário e na abertura. Os temas mais tratados nesse período atendiam aos interesses de uma audiência jovem e feminina. O foco era predominantemente voltado a assuntos como educação infantil, pedagogia, psicologia de adolescentes, saúde e economia doméstica. Sandra Annenberg apresentou o JH pela primeira vez em 1998. No ano seguinte, o JH passou a ser produzido em São Paulo.

Em 2001, o programa passou por outra reformulação, voltando a ser mais informal e dando ênfase à interação entre repórteres e apresentadores. Nessa fase, o destaque era dado às matérias de comportamento dirigidas aos adolescentes e ao público feminino, sem alterar a característica de ser um programa representativo do Brasil. Nesse ano houve também uma reformulação visual, em que era possível visualizar ao fundo a redação do telejornal.

Em 2003, Sandra Annenberg retorna à bancada, dividindo a apresentação com Carlos Nascimento. Nesse período nota-se o retorno das características de jornal- revista, com matérias especiais abordando assuntos amenos e linguagem coloquial. Em 2004, Evaristo Costa ancora o programa com Sandra Annenberg pela primeira vez. Nesse mesmo ano, ele inova saindo da bancada, produzindo matérias regionais, em especial as coberturas das festas populares brasileiras.

Em 2006, o programa passou a contar com novos quadros que abordavam assuntos relacionados a emprego, comportamento, cultura e entrevistas com personalidades. O formato de série também foi adotado e obteve êxito. Nesse ano uma mudança no cenário também foi significativa: a bancada ficou separada da redação por estruturas metálicas e acrílicas, além de 11 telas fixas, modernizando o visual ao programa.

Em 2013, a programação da Rede Globo passou a adotar a tecnologia high definition, e em consonância com esse padrão, o JH passou a ser produzido, editado e exibido também em alta definição. No ano seguinte, em 28 de abril, o JH estreou um cenário circular, que possibilitou que Sandra Annenberg e Evaristo Costa pudessem caminhar pelo estúdio. Além disso, o espaço ganhou um telão móvel de quatro metros formado por seis monitores, e poltronas exclusivas para as entrevistas.

LINGUAGEM NÃO VERBAL E RECEPÇÃO

Antes de exibir os resultados da dinâmica, é necessário apontar os conceitos básicos da linguagem não verbal. Os estudos acerca deste tema iniciaram por volta de 1870, mas foi a partir dos anos 1960 que autores começaram a teorizar sobre a comunicação não verbal tal como conhecemos hoje. Um dos teóricos do assunto, Adam Kendon (1981), define a comunicação não verbal como aquela usada para denominar todos os modos pelos quais a comunicação se efetua entre as pessoas, quando em presença umas das outras, por meios que não as palavras.

No entanto, existem definições ainda mais restritas (e esta foi a utilizada para análise da linguagem dos âncoras), como a proposta por Rector e Trinta. Eles apontam três dimensões nas quais pode ser dividida a comunicação não verbal: paralinguística (não verbal, vocal), cinésica (não verbal, não vocal) e proxêmica (uso e organização do espaço físico).

Um dos pesquisadores influentes na área foi o brasileiro Câmara Cascudo, que debateu o tema na obra *História dos Nossos Gestos*: “O Gesto é anterior à Palavra. As áreas do Entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal [...] Sem gestos, a Palavra é precária e pobre para o entendimento temático” (CASCUDO, 2003, p.18).

Tendo essas avaliações acerca da linguagem não verbal, se faz necessário descrever brevemente cada uma das suas dimensões básicas.

Paralinguagem é toda atividade que envolve elementos não linguísticos dentro de um processo comunicacional, como variações de altura e intensidade da voz não previstas no sistema de entonação; as pausas, tanto as não preenchidas (silêncio), como as preenchidas através da função fática como humm, aham; os sons que não fazem parte da língua, como o riso e o suspiro, além de outras qualidades da linguagem articulada, tal como a ressonância (RECTOR e TRINTA, 1985).

A cinésica, também conhecida como movimento do corpo, tem seus estudos iniciais em 1940 e Ray Birdwhistell como um de seus principais teóricos nesse período. O foco dos estudos se relacionam com movimento dos olhos, gestos com a cabeça (menear, movimentar), posição das mãos, pulsos, braços, ombros e outros gestos corporais.

Essa linguagem estabelece um vínculo mais estreito entre o telespectador e o emissor, gerando uma empatia maior com a emissora e também com o programa, fazendo com que a linguagem verbal alcance sua eficiência máxima, visto que “uma sobancelha levantada e um sorriso irônico fazem o telespectador esquecer a modorra que é assistir a um apresentador boneco de ventríloquo” (PINTO, 1997, p. 122).

Quanto à proxêmica, seu expoente teórico foi Edward T. Hall, que introduziu o termo, conceituando-o como ciência do corpo no espaço. O autor ainda defendeu que esse uso do espaço e sua respectiva percepção influencia a comunicação em todos os níveis. Dos três níveis apresentados, esse será o único não avaliado, tendo em vista que sua realização se dá exclusivamente por contato físico entre duas ou mais pessoas.

Mesmo com essa exclusão por razões metodológicas, convém ressaltar que os três níveis da comunicação não verbal são tão plenos que às vezes se expressam inconscientemente. E este é um dos papéis desta comunicação: ser mais emocional e sensitiva, tendo em vista que o não verbal revela muitas vezes o elemento surpresa na comunicação consciente e programada (ALCURE, 1996). Além disso, verifica-se que esse padrão também faz parte da linguagem telejornalística, principalmente os mais informais como o JH.

Porém, para avaliar-se a questão do não verbal entre os acadêmicos de comunicação da UTFPR, convém assinalar brevemente a teoria da recepção.

Um dos primeiros estudos que ganhou difusão foi “A Teoria Matemática da Comunicação”, de 1948, de Claude Shannon e Warren Weaver, que priorizava a função informativa da comunicação. Outro que ganhou destaque foi o modelo de Lasswell, que misturou o ato de comunicar-se com o ato de praticar persuasão, já que para ele os receptores eram uma massa passiva que reagia ao estímulo de um emissor ativo, com objetivo já pré-determinado – manipular.

Entretanto, essas iniciativas não analisavam o todo como os estudos culturais, que ganharam amplitude nos anos 1960, quando cultura passou a significar “ocorrência dinâmica em processos comunicativos e sistemas de significação” (GOMES, 2004, p.103).

Os estudos de recepção (que propõem analisar as interpretações que o público dá aos textos midiáticos) são considerados um desdobramento empírico dos estudos culturais, com ênfase no receptor. Baseado nesses conceitos, Stuart Hall, em 1973, no artigo “Encoding/Decoding”, verificou como o processo comunicativo e a produção devem ser compreendidos em diversos momentos enquanto estrutura de relação. Dentro desse contexto, a audiência é conceituada como receptor e fonte da mensagem. Já a produção codificada corresponde às imagens que a instituição televisiva constrói para a audiência. Ou seja, grupos sociais estabelecem pontos de vista comuns, fazendo com que seja possível a distinção entre conotação e denotação, conforme Hall adotou em sua teoria.

Nos anos 1970 e 1980, surge o conceito do modo de endereçamento, em que se desenvolve ao longo do tempo, de modo estruturado. Inicialmente se avaliavam as relações entre o filme e seus espectadores (screen theory), e posteriormente adaptado para o meio televisivo, essa teoria passou a interpretar como os programas de televisão constroem sua relação com os telespectadores.

Deste modo, se fez necessário nessa proposta analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e como isso se dá em relação aos telespectadores. Esses apontamentos frisam a importância de se estudar a recepção da linguagem não verbal emitida pelos âncoras, assim como analisar como os telespectadores se relacionam com esse tipo de informação dentro de um conjunto tão amplo e subjetivo quanto a emissão telejornalística.

METODOLOGIA

Antes da tomada dos depoimentos, optou-se durante a primeira fase da dinâmica por apresentar, em forma de projeção para o grupo, todo o JH do dia 25 de maio de 2015, em especial o primeiro bloco. Essa escolha se deu porque de acordo com Ruth Vianna (2000), o maior nível de atenção é atingido no primeiro bloco de um programa televisivo, assim como a abertura e as manchetes. No bloco seguinte a atenção diminui, só retornando a ascender à atenção do telespectador na chamada para os últimos blocos.

Sobre a formação dos grupos: um deles era formado por integrantes que assistiam o telejornal de forma regular, e o outro formado por estudantes que não assistiam o telejornal atualmente.

No que tange à metodologia, a escolha dos pesquisandos, assim como o dia escolhido do programa, se deu por amostragem não probabilística, já que ela é restrita aos elementos que se tem acesso (no caso, estudantes do curso de Tecnologia em Comunicação Organizacional da UTFPR, do 4º período, no primeiro semestre de 2015). Outro motivo para utilizar uma amostra não probabilística deveu-se ao fato de ela ter caráter descritivo com enfoque indutivo, já que seu principal objetivo não é criar estatísticas, mas “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação” (VAN MAANEN, 1979).

Além disso, por priorizar a pesquisa qualitativa, foi utilizada a amostra não probabilística por conveniência, tendo em vista que, usualmente, qualquer plano de amostra qualitativa de indivíduos acontece dessa maneira, uma vez que o mais importante nesse caso é a interpretação dos fenômenos empregados no dia a dia das pessoas analisadas, conferindo representatividade por meio do caráter exploratório guiado por um roteiro predeterminado de perguntas e técnicas.

Antes de promover o estudo, foi distribuído um questionário aos pesquisandos, que foi estruturado com bases no objetivo deste artigo.

Os dados obtidos no questionário foram os seguintes para o grupo que assiste regularmente o Jornal Hoje:

- Amanda Amorin, 19 anos, possui três aparelhos televisores em casa, assiste televisão até 2 horas por dia, a emissora da tevê aberta que mais assiste é a Globo, assiste o JH no sábado e esporadicamente o Jornal Nacional (Globo) e o Jornal da Band.

- Liziane André, 19 anos, possui três televisores em casa, assiste televisão até 2 horas por dia, a emissora da tevê aberta que mais assiste é a Globo, assiste o JH no sábado e frequentemente assiste o Jornal Nacional (Globo).

- Cesar Augusto, 20 anos, possui um aparelho televisor em casa, assiste televisão até 4 horas por dia, tem preferência pelas emissoras SBT e Band, assiste o JH entre 2 e 4 vezes por semana, além do telejornal local Paraná TV.

- Christine Dias, 19 anos, possui quatro aparelhos televisores em casa, assiste televisão até 2 horas por dia, tem preferência pela Record, assiste o JH entre 2 e 4 vezes por semana, além do Jornal Nacional.

- Vitor Valandro, 22 anos, possui um aparelho televisor em casa, assiste televisão até 4 horas por dia, tem preferência pela Rede Globo, assiste o JH entre 2 e 4 vezes por semana, além de assistir o telejornal local Paraná TV e o Jornal da Globo.

O grupo que não assiste atualmente o Jornal Hoje foi formado pelos seguintes estudantes:

- Elton Moraes, 19 anos, possui um aparelho televisor em casa, assiste televisão até 2 horas por dia, tem preferência pela Rede Globo e raramente assiste Jornal Nacional.

- Luis Felipe Tojeiro, 19 anos, possui dois aparelhos televisores em casa, assiste televisão até 2 horas por dia, mas não costuma assistir tevê aberta. Tem preferência pela BBC.

- Estevam Mattar, 20 anos, possui dois aparelhos televisores em casa, assiste televisão até 4 horas por dia. Tem preferência pela Band.

- Gabriel Nunes, 22 anos, possui um aparelho em casa, assiste televisão até 2 horas por dia. Tem preferência pela Rede Globo.

- Thiago Cardial, 23 anos, possui um aparelho televisor em casa, assiste televisão até 2 horas por dia. Em se tratando de tevê aberta, tem preferência pela Rede Globo, mas assiste com mais frequência material disponibilizado pela Netflix.

A ideia inicial era confrontar as opiniões entre os grupos, porém, observou-se que ambos os grupos ressaltaram aspectos diferenciados do telejornal, mas não conflitantes.

ANÁLISE SOBRE JORNALISMO E O JH

Observando o grau da criticidade dentro do meio acadêmico, em especial o da comunicação, e como esses graduandos avaliam a importância da linguagem não verbal e televisiva, podem-se observar diferenças entre os dois grupos. Enquanto um (que não assiste o JH) valoriza predominantemente a internet, o outro se informa com as duas plataformas de comunicação (internet e televisão).

“Os assuntos que o JH trata não são interessantes para mim. Eu prefiro gastar meu tempo livre com o que acho interessante e não com coisas que a emissora acha interessante eu saber”, disse Thiago Cardial. Em consonância, Gabriel Nunes afirma que “na internet, você busca o que quer. É muito mais dinâmico. Um canal do YouTube, por exemplo, você assiste no horário que quer, quantas vezes quiser. Hoje, a internet é o principal meio de comunicação”. Estevam Mattar tem a mesma opinião: “Quase não assisto noticiário porque a forma como é tratada a notícia aqui no Brasil, pela televisão aberta, não é muito boa. Sempre quando quero me informar, acesso a internet porque assim leio o que realmente me interessa. Acho que a televisão seria mais atrativa se o telespectador tivesse o poder de escolha. Seria melhor fazer programas que tratassem apenas de um assunto... Assistir o que se quer. Hoje se assiste o que não se quer”. Em contrapartida, o outro grupo acessa a internet como complemento do que foi visto no telejornal. Amanda, por exemplo, acessa os links da seção Hoje em casa.com, que trata de decoração, assim como os demais que também se informam por internet e redes sociais.

No entanto, ambos os grupos mostraram estar mais inclinados a matérias frias ou àquelas que não são consideradas notícia. O primeiro grupo revelou que prefere a edição de sábado do JH. “O conteúdo é um pouco diferente do que eles passam durante a semana”, revela Cesar Augusto. Liziane e Christine gostam das Crônicas de Nova Iorque e Você em casa.com. “As colunas mais diferentes agradam”, concordaram. O outro grupo revelou que busca na internet assuntos de interesse pessoal, como os relacionados a esporte (Gabriel), história (Thiago) e cultura (Elton). “Eu não me atualizo sobre os assuntos. Faço isso apenas em conversa com os outros. Foi no trabalho que soube dos escândalos da FIFA, por exemplo”, revela Thiago Cardial.

Esse tipo de escolha desse público vai ao encontro do que o JH vem praticando desde o início dos anos 2000, com séries, quadros fixos e abordagem mais informal, que também foi vista positivamente por ambos os grupos. “Busco notícias que fogem do padrão jornalístico, mas o JH é um jornal diferente porque [os âncoras] apresentam o conteúdo de uma maneira mais dinâmica. As piadas e interações humanizam”, aponta Vitor. “A informalidade é uma tendência em toda programação, até no Jornal Nacional, que é mais tradicional. Às vezes isso sai um pouco da medida [no JH], mas normalmente não atrapalha tanto. Caso eles não fizessem isso, o jornal não teria destaque algum. Se for muito formal, fica engessado”, pontuou Amanda. “A forma com que eles interagem com o público – trazendo informações de um jeito mais leve – os aproximam de vários públicos, por ser menos formal, mais dinâmico e interativo”, destacou Liziane. Mesmo não

assistindo de forma regular o JH, Luis concorda que “por causa do horário tem que ter um pouco de descontração, porque, querendo ou não, é um horário que você para para descansar um pouco”.

Na escalada do referido dia, os assuntos apontados foram os seguintes: showbiz (acidente de avião envolvendo famosos), segurança (rebelião em cadeia na Bahia, assaltos com faca no Rio de Janeiro), política (ajuste fiscal), educação (novidades no Enem), quadro fixo – Sala de Emprego (como trabalhar com pessoas difíceis).

A primeira chamada, apresentada por Sandra Annenberg, foi referente ao acidente aéreo envolvendo piloto, copiloto, os apresentadores Angélica e Luciano Huck, três crianças – filhos do casal – e duas babás. Notam-se muitos níveis cinésicos, como movimento de mãos e levantamentos de sobrelance. Em outro momento, Evaristo Costa continua a chamada deixando evidente sua paralinguagem: voz em tom mais baixo que o de Sandra, em tom pausado, insinuando lamento. A linguagem cinésica de Evaristo é mais contida nesse momento. Enquanto Evaristo fala, Sandra o observa, concordando, meneando a cabeça, enquanto a sua boca se mostra tensa, revelando sentimento de pesar e tristeza pelo ocorrido. Concomitantemente, Evaristo se desloca da bancada rumo ao telão para chamar uma repórter em entrada ao vivo, com notícias direto do hospital, onde o casal estava internado. Depois de a repórter passar as principais informações atualizadas, entra uma nota coberta, fazendo a retrospectiva do caso. O nome das babás não é citado em nenhum momento. Ao retornar para o estúdio, Sandra fala: “que bom! Que alívio!” com um discreto sorriso nos lábios. Logo em seguida, explica outros detalhes sobre o acidente com cinestesia, em especial com uso das mãos. Quando ela opina: “eles tiveram muita sorte no pouso”, enfatiza as palavras “muita sorte” com as sobrelances erguidas e com as mãos espalmadas para cima.

Em seguida, Evaristo diz: “os pilotos foram bons”, e Sandra o interrompe ao olhar para ele e dizendo: “muito bons”, enfatizando a fala de Evaristo, ao mesmo tempo em que simula conversa com o seu parceiro de bancada. Nesse momento, ela meneia positivamente a cabeça e levanta a sobrelance. Quase no mesmo instante, ele retoma a fala e explica a questão da falha dos motores. Nesse momento, Evaristo é cinésico e usa muitas expressões faciais para frisar a dramaticidade do acidente. Em seguida, entra outra matéria, com mapas e infográficos, sobre a manobra feita pelo piloto. Quando retorna ao estúdio, Sandra diz que o piloto foi um herói enquanto faz gesto negativo com a cabeça e com as mãos, indicando traço de microexpressão. As sobrelances arqueadas também se destacam nesse trecho de sua fala. Ao longo do texto ainda são evidenciados mais movimentos cinésicos, com as mãos. Quando ela chama outro repórter ao vivo, de onde está o bimotor, ela se inclina para frente, como se estivesse em contato real com o mesmo. Quando o repórter fala: “Olá, Sandra”, ela responde com um leve balançar de cabeça para baixo, como se estivesse cumprimentando-o fisicamente. Nota-se mais uma vez a simulação do contato real, que é feito por meio de telões. Depois do retorno ao estúdio, pela primeira e única vez são citados os nomes das babás. Esse último trecho da grande reportagem é feito em tom sóbrio, sem efeitos cinésicos ou paralinguísticos. Ao todo são 8 minutos e 10 segundos de matéria.

Sobre esse conteúdo, Gabriel Nunes acredita que “eles tentam dramatizar algo que acontece diariamente, para chamar atenção. Por ser algo da Globo, eles tentam dar uma importância maior (comparando com outras emissoras)”.

Estevam, assim como todos os outros da dinâmica, acredita que não precisava de tanto tempo para tratar o assunto. “Eles começam a se aprofundar em uma coisa sem necessidade”, ressalta. Além disso, ele definiu a internet como meio importante nesses casos. “Não precisa exibir toda semana o mesmo conteúdo (referindo-se ao acidente ser abordado durante todos os dias da semana durante os telejornais globais). Exibe um dia e quem não assistiu que procure a internet, porque ela é acessível a praticamente todo mundo. Poucos não têm acesso, e os que têm são telespectadores assíduos de TV”, avalia. Sobre a supervalorização do acidente, Thiago Cardial acredita que “tem muita gente que se importa com essas coisas. Faz parte da cultura brasileira mesmo. É a literatura dessas pessoas”. Luis Felipe pontua que o tempo foi demasiado e não precisava de tanto alarde. “Oito minutos é muita coisa, se você pensar, para alguém que tem o dia corrido, e que quer se informar um pouco. O tema poderia ser tratado de forma mais objetiva. Nesse período de tempo, poderia haver mais matérias relevantes. É muito dinheiro investido para falar da mesma notícia”.

Todos os integrantes do grupo que assistem regularmente o JH também acreditam que o tempo dedicado a uma única matéria, no primeiro bloco, foi muito extenso. “Alguns comentários foram desnecessários, mas pode ser por pressão da Globo para que isso aconteça”, ponderou Amanda. Vitor defendeu que essa matéria não importa para quem não conhece os apresentadores. Liziane acrescentou dizendo que “é uma matéria que não tem tanta importância”.

Ambos os grupos observaram elementos cinésicos nos âncoras, mas nenhum deles observou que as babás tiveram seus nomes citados apenas uma vez, contra 10 de Angélica e de Luciano Huck.

A próxima matéria tem chamada de Evaristo, em pé, junto ao telão, sobre os ataques com faca, que estavam acontecendo em algumas regiões do Rio de Janeiro. “O Ministério Público do Rio vai ouvir hoje um menor, que segundo a Polícia é suspeito de participar do ataque do médico Jaime Gold, que estava andando de bicicleta...” é parte do texto. Ele frisa a palavra “menor” ao levantar as sobrancelhas e “polícia” ao utilizar as mãos de forma espalmada, o sobrenome do médico também foi evidenciado pelo levantar das sobrancelhas. “Andar de bicicleta” também foi evidenciado pelo uso das mãos, que simularam o circular do pedal. A questão paralinguística “que é” dita em outro tom também evidencia a intenção do âncora. Depois disso, Evaristo chama a repórter ao vivo, que, depois de dar informações sobre o caso, chama uma matéria sobre o tema. No retorno, Evaristo, no estúdio, inicia o texto lamentando, com efeito cinésico, ao puxar a boca para o lado esquerdo, e com as mãos espalmadas para cima. Mais uma vez ficam evidenciados efeitos cinésicos com a sobrancelha, lábios e dedo indicador levantado indicando atenção e paralinguagem, com leitura pausada e com ênfase nos trechos “receptação”, “ladrões agem mais”, “quando possível”, “sendo assaltada e assassinada com faca”; valorizando os aspectos negativos do crime e diminuindo a ação policial realizada no caso. Depois disso, ele chama novamente a repórter sobre uma matéria relacionada ao tema de segurança. No retorno, já na bancada, Evaristo se despede da repórter. A matéria tem 5 minutos e 40 segundos.

Ambos os grupos observaram a linguagem não verbal dos âncoras, mas nenhum deles apontou discordância em relação à palavra “menor”. Estevam admite que “eles podem mostrar ao telespectador a opinião deles sem dizer (falar textualmente). Por meio dessas expressões dá para ver qual é a opinião deles”. Thiago acredita que eles tentam influenciar a opinião pública. “Eles pegam fatos

que não são necessariamente importantes (podem ser coisas isoladas) e tentam bater muito naquela tecla”, avalia. Amanda Amorin declara que “os âncoras são mais expressivos que os outros [de outros telejornais], e eles deixam evidente o que o texto não diz”. César Augusto diz que, nessa matéria, a postura e a linguagem não verbal de Evaristo representam medo, pois o âncora sempre se mostra numa posição fixa, “porque não está sendo feito nada [em relação aos casos de violência]”. “Os gestos dele eram mais retos e mais duros, parecia que ele estava meio brabo. Deu a entender que não está muito feliz, e isso já é pessoal, mas a opinião dele deve ser parecida com a da emissora. Todas as matérias da Globo são contra as políticas públicas”, acrescentou Vitor.

A próxima foi uma nota coberta (também sobre segurança) cuja narração de Sandra inicia em tom baixo, revelando artifício paralinguístico. Além disso, foram verificados os traços de cinésica em seu início. Os destaques foram dados às palavras “20 horas” “oito presos...assassinados”, “70...reféns”. Como houve poucos elementos não verbais não houve considerações sobre a nota coberta.

A matéria seguinte abordou o tema do ajuste fiscal. Destaque para as palavras “decisiva”, “governo”, “perdem” que são faladas em tom pausado e firme por Evaristo. No final da frase, ele olha para Sandra, como se estivessem conversando. Sandra chama uma entrada ao vivo e a repórter e a âncora interagem abordando a falta do Ministro da Fazenda Joaquim Levy em uma determinada reunião federal. A repórter diz “e deu o que falar, né”, enquanto do outro lado do telão, Sandra “fazia sim” com a cabeça enquanto sua boca representava tensão. No retorno da matéria, Sandra faz um breve comentário: “muita saúde pro ministro, né”, em tom mais baixo e mais rápido que o usual, revelando mais uma vez um recurso paralinguístico. Ela também fez uso de cinésica, uma vez que fala com a sobrancelha erguida, e com um breve sorriso, demonstrando ironia, que foi identificada pelo grupo que assiste regularmente o JH. O segundo grupo não foi unânime em relação a essa questão. No entanto, todos do primeiro grupo concordaram que a matéria não ficou clara. “Isso pode ser um problema porque os jornais não se esforçam em levar de forma séria ou explicar o que está acontecendo de verdade”, critica Vitor. “Economia é assim também. Ninguém faz questão de explicar alguns termos, por exemplo. Por isso, só quem tem repertório vai entender esses conteúdos”, complementa Amanda.

A próxima matéria trata sobre as novidades do Exame Nacional do Ensino Médio. O início da chamada de Evaristo se dá em tom mais alto e com um sorriso discreto nos lábios. Logo após é feita a chamada para os próximos blocos. Esse conteúdo também não levantou discussões entre os pesquisandos.

Sobre a linguagem não verbal do programa como um todo, Thiago Cardial diz que “eles [os apresentadores] tentam fazer o papel do ouvinte [meneando a cabeça, por exemplo], e teatralizar o que o espectador tem de sentir. O âncora é um boneco. Ele está lá para contar uma história. E é o trabalho dele; não tem como ele ter uma visão crítica sobre aquilo”. Luis Felipe acredita que “mesmo sendo um pouco teatral, a sintonia deles é verdadeira. A interação entre eles funciona”. Estevam concorda ao dizer: “Eu também acho um pouco teatral, mas os dois formam uma boa equipe, porque eles têm conexão. Quando eu assistia, gostava deles por causa disso”. A opinião de Elton sobre o JH é de que os âncoras sabem ponderar momentos de humor e seriedade na medida certa. “Eles sabem quebrar um pouco dessa seriedade com um toque de bom humor quando conveniente”, pondera.

Para Gabriel, dos telejornais atuais, o JH é o que mais apresenta linguagem não verbal. “Por mais que às vezes as brincadeiras sejam programadas, eles tentam ter essa sincronia e sair um pouco de papel de âncora sério”, define. Liziane, assim como Vitor e Amanda, confessa não prestar atenção na linguagem não verbal dos âncoras, embora na dinâmica tenha observado o nível cinésico em algumas matérias. Christine, assim como os demais que assistem o telejornal regularmente, acredita que as matérias veiculadas no JH ajudam a formar opinião do público espectador, e que a “linguagem não verbal deixa nas entrelinhas o que não pode ser dito literalmente”.

Para Cesar Augusto, a dupla de apresentadores cria uma atmosfera descontraída ao ser informal. Sobre a linguagem não verbal, o estudante acredita que ela interfere na matéria, “porque se estiverem de braço cruzado, vão demonstrar falta de interesse”. Ainda sobre o assunto, Cesar é o único que se mostrou contrário ao movimento dos âncoras no cenário durante o telejornal. “Acho que fica forçado. Perde um pouco de sentido, para mim, o apresentador conversar com uma tela ao invés de ficar olhando para a câmera”, revela.

Vitor, por sua vez, acredita que a linguagem não verbal é utilizada para cativar o público, ora feita involuntariamente, ora para as pessoas entenderem melhor o conteúdo que está sendo apresentado, de modo informal. “O telespectador precisa ver aquele jornalista como uma pessoa igual a ele. Os âncoras querem ser mais populares para que haja alguma identificação, para que o povo se sinta atraído de algum jeito, a ponto de dizer: ‘Olha lá, também é uma pessoa’ [apresentando o telejornal]”, opina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na televisão, “o público constitui uma das grandes incógnitas desde o seu princípio, portanto, conhecê-lo melhor para melhor dominá-lo é um desafio decisivo” (WOLTON, 1996, p. 47). Com essa afirmação, chega-se à conclusão que ao observar o público observa-se também o meio, tal qual o panóptico invertido proposto por Muniz Sodré, que ao fazer uma releitura de Michel Foucault, verificou o poder da televisão, que atingiu com esse seu potencial o “mais bem acabado momento técnico na comunicação social” (SODRÉ, 1977, p.17).

Tal afirmação pode ser utilizada porque durante a dinâmica até aqueles que não assistem o telejornal habitualmente, de algum modo são “contaminados” por ele, talvez de forma ainda mais pontual.

Essa questão se verificou na matéria sobre política, em que o grupo que não assistia o JH regularmente não conseguiu captar com clareza a ironia proposta pela matéria e pelo comentário feito pela âncora Sandra Annenberg posteriormente.

A mesma dificuldade pode ser constatada sobre o conceito que esses pesquisando têm sobre a noticiabilidade. Para a maior parte deles, não seria importante noticiar o acidente envolvendo Luciano Huck e Angélica, pois já tinha sido noticiado no dia anterior. Porém, eles não lembraram que muitos ainda não tinham conhecimento da notícia (que ocorreu no domingo e o programa analisado foi veiculado na segunda-feira), e um público considerável só tem no JH (ou no Jornal Nacional) sua fonte de informação diária.

Outro ponto levantado durante a dinâmica foi a questão da internet como meio de informação preferido entre os pesquisandos. No entanto, os mesmos (em especial o do grupo que não assiste o JH) não conseguiram avaliar a situação sem olhar além da micro-sociedade em que vivem. A internet ainda é uma realidade distante, principalmente para as classes sociais D e E, que se informam predominantemente por televisão e rádio.

A questão não verbal do JH fica evidenciada em grande parte pela paralinguagem, e não necessariamente pela cinésica, como se imaginava antes da análise. A ênfase em determinadas palavras aponta não só para a linha editorial do JH, como também a da emissora, que nas matérias de segurança se mostrou alarmista para uma situação que a princípio se revelou restrita a poucos pontos da cidade do Rio de Janeiro. Em se tratando de política, o mesmo ocorreu em tom pessimista e de desesperança.

Sobre o nível cinésico, verificou-se que ele é muito mais usado para fins explicativos, tal qual uma mímica gestual, ilustrativa que auxilia o processo comunicacional. E esses foram os elementos mais lembrados pelos pesquisandos durante a dinâmica, reforçando a ideia de que a paralinguagem é não só o nível da linguagem não verbal mais utilizado pelos âncoras, como também o menos percebido em um primeiro momento, fazendo com que ele, de algum modo, aja de forma subliminar. É como se houvesse uma apropriação da linguagem não verbal para inculcar a opinião de forma sutil, sem comentários extensos dos âncoras, como ocorre em outras emissoras. Breves palavras ou um tom acima ou abaixo do regular são o suficiente para enviar a mensagem pretendida.

Quanto ao perfil do JH, nota-se que o telejornal está se encaixando com as demandas do seu público jovem. As matérias frias são as que mais chamam atenção, em especial do grupo que assiste regularmente ao programa. Observa-se ainda essa tendência no outro grupo, em que dois dos pesquisandos se mostraram inclinados por outras áreas, que não as jornalísticas. Quando questionados sobre quais seriam as mudanças que fariam com que eles tivessem interesse pela programação televisiva, os mesmos não souberam apontar algo razoável, o que mostra que há a necessidade de mudança, mas não há perspectiva de novos caminhos. O meio televisivo em fase de transição – e isso fica claro não só em toda a programação como também em números de audiência que vem mudando constantemente. O que mais foi destacado foi a internet como proposta, mas ela seria mais um meio, e não uma substituição para a televisão, o que leva a crer que a academia ainda não esteja desafiando o suficiente os acadêmicos a criar novos formatos de comunicação na tevê, além dos já consagrados (principalmente em sua micro-sociedade).

Para finalizar, verifica-se que o conceito da comunicação vem sendo ampliado não só graças a artifícios tecnológicos, mas também ao próprio modo como os receptores atuam dentro desse processo. Ou seja, a proposta de leitura aberta, tem sido uma tendência não só no entretenimento, mas também no telejornalismo, que vem agregando novas linguagens para se atualizar, priorizando os processos interacionais e a informalidade.

Analysis of reception of non-verbal language of Jornal Hoje amongst students of Organisational Communication

ABSTRACT

With the popularization of television in the last decades and with the advancement of the internet, it is observed that the television medium has been changing its language not only to reach a new audience but also to maintain what has already been established. Due to its informal characteristic, besides other technological aspects observed in its history, Jornal Hoje is the object of this article. The objective is to verify how the students of the course of Technology in Organisational Communication analyze these questions. In order to carry out the research, a specific methodology was used, as well as a basis for reception theories and cultural studies.

KEYWORDS: TV journalism. Body language. Reception.

REFERÊNCIAS

ALCURE, Lenira, **Comunicação verbal e não verbal**, Rio de Janeiro, Senac Nacional, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara, **História de nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil**, São Paulo: Global, 2003.

GOMES, Itania Maria Mota, **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**, Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

KENDON, Adam, **Nonverbal communication, interaction and gesture**, The Hague: Mouton, 1981.

Memória Globo, **Jornal Hoje**, Rio de Janeiro, disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/o-hoje-aos-sabados.htm>> acesso em 09/07/2015.

PINTO, Ivonete, **A dramatização no telejornalismo**, Revista Famecos, Porto Alegre, n. 7, p. 117-123, nov. 1997, disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/2991/2273>> acesso em 20/07/2015.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio R. **Comunicação não verbal: a gestualidade brasileira**, Petrópolis: Vozes, 1985.

SODRÉ, Muniz, **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**, Petrópolis: Vozes, 1977.

VAN MAANEN, John, Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, **IN: ADMINISTRATIVE SCIENCE QUARTERLY**, n. 4. p. 520-526: dez. 1979.

VIANNA, Ruth, **La palabra, La imagen y El sonido**, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2000.

WOLTON, Dominique, **Elogio do grande público; uma teoria crítica da televisão**, Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1996.

Recebido: 24 out. 2016.

Aprovado: 10 jul. 2018.

DOI: 10.3895/rde.v9n14.4858

Como citar:

OLIVEIRA, S.M.M. Análise de recepção de linguagem não verbal dos âncoras do Jornal Hoje entre acadêmicos de Comunicação Organizacional da UTFPR. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 9, n. 14, p. 28-42, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rde>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

